

Universidade Federal da Bahia  
Faculdade de Comunicação

Relatório de Projeto de Pesquisa

Coordenador:

Marcelo R. S. Ribeiro

Projeto:

**IMAGEM E DIREITOS HUMANOS: CONSCIÊNCIA DA HUMANIDADE, MEMÓRIAS DE  
VIOLAÇÕES E PROJEÇÕES DE DIGNIDADE NO CINEMA E NO AUDIOVISUAL**

Período: 2017-2019

Salvador

2020

## **IMAGEM E DIREITOS HUMANOS: CONSCIÊNCIA DA HUMANIDADE, MEMÓRIAS DE VIOLAÇÕES E PROJEÇÕES DE DIGNIDADE NO CINEMA E NO AUDIOVISUAL**

Relatório apresentado pelo professor Dr. Marcelo R. S. Ribeiro à Congregação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, em referência às atividades de pesquisa desenvolvidas no período de 2017 a 2019.

### **Resumo:**

Por meio de uma abordagem interdisciplinar das relações entre imagem e direitos humanos, este projeto propôs diversos estudos dos modos como o cinema e outros meios visuais, como a pintura e a fotografia, e audiovisuais, como a televisão e o vídeo, participam de um processo histórico e cultural mais amplo de construção da “consciência da humanidade”, que declara os direitos humanos, conforme o preâmbulo da Declaração Universal de 1948, contra os “atos bárbaros” que proliferam na história recente da humanidade. Por meio da elaboração de uma perspectiva histórica de estudo das formas de representação e de abordagem de diferentes genocídios e crimes contra a humanidade no cinema e em outros meios, realizaram-se alguns estudos de caso, relativos às singularidades de diversos momentos e contextos de violação generalizada de direitos humanos e às modalidades de uso da imagem que acompanham, testemunham e transformam os sentidos desses momentos e contextos. Por meio desses estudos de caso, relacionados à memória de violações de direitos humanos, foram realizadas incursões analíticas relativas a obras associadas aos seguintes eixos temáticos: os genocídios indígenas em andamento na história recente do Brasil, em diferentes filmes; o genocídio perpetrado pelo regime de Pol Pot no Camboja, na obra de Rithy Panh; a escravidão transatlântica como crime contra a humanidade, em diferentes filmes. Também foram desenvolvidas atividades de pesquisa relacionadas às projeções de dignidade, especificamente no contexto da China globalizada, no cinema de Jia Zhangke. Com isso, foi possível alcançar o objetivo proposto inicialmente de identificar tendências recorrentes de associação entre imagem e direitos humanos, assim como interrogar as noções de dignidade pressupostas por toda reivindicação de direitos universais e projetadas por qualquer forma de associação entre imagem e direitos humanos. Além disso, em meio a uma série de ajustes de percurso que implicaram alterações no cronograma, nas metas e nos resultados obtidos, em comparação com o que tinha sido planejado, as atividades desenvolvidas tornaram possível explorar e entrever uma série de desdobramentos, decorrentes de um duplo movimento: por um lado, a passagem da análise fílmica das modalidades de montagem anarquívica para uma arqueologia do paradigma anarquívico; por outro, a passagem do enquadramento humanista do atlas de cosmopoéticas para um enquadramento efetivamente cósmico, interrogando o nexo entre cosmopoéticas e cosmotécnicas.

**Palavras-chave:** imagem, direitos humanos, cinema, memória, dignidade

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>4</b>
1.1. Tabela sintética: Atividades realizadas e resultados alcançados .....	5
<b>2. Objetivos .....</b>	<b>9</b>
2.1. Objetivo geral: .....	9
2.2. Objetivos específicos .....	9
<b>3. Dos objetivos aos resultados: uma lista geral.....</b>	<b>10</b>
<b>4. Materiais e métodos: da análise imanente à deriva (an)arqueológica .....</b>	<b>14</b>
4.1. Arqueologia do sensível .....	15
4.1.1. O conceito de sensível .....	16
4.1.2. O conceito de arqueologia .....	19
4.1.3. Objetivo geral do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível.....	21
4.1.4. Objetivos específicos do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível .....	21
4.1.5. Linhas de pesquisa .....	21
4.1.5.1. Imagem e história.....	21
4.1.5.2. Imagem e Corpo.....	22
<b>5. Resultados e discussão: os eixos analítico-conceituais e a abertura como prática.....</b>	<b>22</b>
5.1. Laboratório de Análise Fílmica (Facom-UFBA), Tecnopoéticas (CEFET-MG) e encontros da SOCINE: análises de formas de montagem anarquívica e de fabulação .....	23
5.1.1. Apresentação e artigo “Arquivo e montagem anarquívica na obra de Rithy Panh”.....	23
5.1.2. Apresentação e artigo “Retomar o passado: a escravidão em filmes africanos”.....	24
5.1.3. Conferência e artigo “Avoir 20 ans dans les Aurès: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção” .....	26
5.2. Colóquio de Fotografia da Bahia (EBA-UFBA) e Núcleo de Estudos da Crítica (PRONEC-UFBA): ensaios para um atlas de cosmopoéticas .....	27
5.2.1. Apresentação e artigo “Ver junto” .....	27
5.2.2. Apresentação e artigo “Cosmopoéticas do espectador selvagem” .....	28
5.2.3. Ensaio bibliográfico “Cosmopolíticas e cosmopoéticas do contato” .....	28
5.2.4. Atlas de cosmopoéticas e montagem anarquívica: desdobramentos possíveis..	29
5.3. PIBIC 2018 e PIBIC 2019: pesquisa, extensão e práticas de abertura .....	30
5.4. Disciplina Cinema e História: o ensino como experiência de partilha da pesquisa .....	33
<b>6. Considerações finais: perspectivas e desdobramentos .....</b>	<b>34</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>37</b>

## 1. Introdução

O projeto *Imagem e direitos humanos: consciência da humanidade, memórias de violações e projeções de dignidade no cinema e no audiovisual* foi apresentado em junho de 2017 para a apreciação da Congregação da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em seguida, uma Comissão *ad-hoc* de avaliação de projetos emitiu parecer favorável ao deferimento do projeto, e este parecer foi aprovado em reunião ordinária de Congregação realizada no dia 7 de agosto de 2017. Com o deferimento institucional, foram reconhecidas as atividades que vinham sendo desenvolvidas desde minha entrada em exercício como docente da Facom-UFBA, em 12 de maio de 2017, e a extensão prevista do projeto foi confirmada para o período de 2017 a 2019, conforme plano de atividades e cronograma contido no referido projeto, que definia etapas e metas de execução distribuídas por semestre (de 2017.1 a 2019.2).

No período em questão, a pesquisa se desenvolveu como previsto, com base na subdivisão de eixos temáticos e no desenvolvimento paralelo e articulado das atividades de pesquisa relativas a cada um deles. Foram necessários, entretanto, alguns ajustes pontuais em relação às metas previstas e ao cronograma de execução do projeto, tanto em função de fatores negativos, particularmente aqueles ligados às dificuldades de conciliar a heterogeneidade de problemas de pesquisa propostos, quanto em decorrência de fatores positivos, tais como:

- a criação de (e participação em) redes de interlocução;
- a obtenção de apoio por meio de editais de fomento a bolsas estudantis;
- a adoção de rotinas de compartilhamento de dados, processos e resultados de pesquisa;
- publicação do livro *Do inimaginável* (RIBEIRO, 2019a), decorrente da pesquisa que antecedeu e fundamentou o projeto;
- a exploração de desdobramentos possíveis da pesquisa.

A conjunção de todos esses fatores conduziu à alteração parcial do planejamento proposto e à obtenção de resultados de pesquisa que contemplam os problemas apresentados e, ao mesmo tempo, apontam para novos problemas de pesquisa. Isso conduziu ainda à elaboração e ao início das atividades de um novo projeto de pesquisa, a ser também apresentado à Congregação da Facom-UFBA para apreciação. Considerando o plano de atividades e cronograma resumidos na tabela incluída no projeto de pesquisa concluído (RIBEIRO, 2017b, p. 17), apresento a seguir as atividades realizadas e os resultados alcançados, buscando ainda indicar brevemente as linhas de desdobramentos posteriores:

### 1.1. Tabela sintética: Atividades realizadas e resultados alcançados

*Observação: Nesta tabela, o semestre 2019.2 foi considerado junto com 2020.1, em função de alguns desdobramentos que se efetivaram nesse semestre adicional ao período do projeto, devido a prazos e trâmites de publicação, entre outros fatores.*

Atividades e resultados	2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2- 2020.1
<b>Iniciativas e atividades relacionadas ao projeto de pesquisa que não estavam previstas no plano de atividades e cronograma (“√” no cronograma ao lado)</b>	#					
<b>Criação e atividades do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível</b> Coordenado pelos professores Marcelo R. S. Ribeiro e Marcelo M. Costa, o grupo iniciou suas atividades em abril de 2018. Espelho – DGP/CNPq: <a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9394228391162490">http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9394228391162490</a> . Registro de atividades realizadas, em andamento e planejadas: <a href="https://bit.ly/arqueologia-do-sensivel">https://bit.ly/arqueologia-do-sensivel</a> .			√	√	√	√
<b>Orientação de dois bolsistas de PIBIC (Edital PROPCI-UFBA 01/2018 – PIBIC)</b> Projeto Imagem e direitos humanos: consciência da humanidade, memórias de violações e projeções de dignidade no cinema e no audiovisual. Plano de trabalho 1 (bolsa FAPESB): Mateus de Jesus Viana. Plano de trabalho 2 (bolsa CNPq): George Diniz Teixeira.				√	√	
<b>Orientação de duas bolsistas e um voluntário de PIBIC (Edital PROPCI-UFBA 01/2019 – PIBIC)</b> Projeto Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: abordagens africanas e afrodiáspóricas. Obs.: Este projeto constitui um projeto de ligação, no âmbito do PIBIC, entre o projeto deste relatório e o novo projeto a ser apresentado. Plano de trabalho 1 (bolsa FAPESB): Marina Lordelo Carneiro. Plano de trabalho 2 (bolsa CNPq): Roberta Catherine Mutte de Castro. Plano de trabalho 3 (voluntário): Jeferson Alan dos Santos Ferreira.						√
<b>Tradução de “Venus in Two Acts”, de Saidiya Hartman, com Fernanda Sousa (USP) e revisão técnica de Kenia Freitas (UNESP)</b> Ensaio publicado originalmente em <i>Small Axe</i> , v. 12, n. 2, 2008 (p. 1-14). Tradução realizada entre junho e outubro de 2019 e aceita para publicação na revista Estudos Avançados (USP). Data provável de publicação: primeiro semestre de 2020.						√
<b>Publicação do livro <i>Do inimaginável</i> (obra autoral, 2019)</b> RIBEIRO, Marcelo R. S. <i>Do inimaginável</i> . Goiânia: Editora UFG, 2019, 192p. Livro publicado na Coleção Expressão Acadêmica, da Editora UFG, decorrente da seleção para publicação e consequente revisão da parte inédita da tese defendida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da mesma universidade, em maio de 2016. Mais informações: <a href="https://www.incinerrante.com/livros/do-inimaginavel">https://www.incinerrante.com/livros/do-inimaginavel</a> .						√

Atividades e resultados		2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2- 2020.1
Etapa ou meta prevista ("X" no cronograma ao lado)	Atividade realizada ou resultado alcançado ("√" no cronograma ao lado)	#					
<b>Etapa: pesquisa bibliográfica</b> Tema A: os genocídios, os crimes contra a humanidade, suas memórias e suas imagens Meta 1: resenha de Alvarenga (2017)	<b>Resultado 1:</b> <b>Artigo publicado em periódico</b> Tema modificado: genocídio indígena e filmes de contato Ensaio a partir do livro de Alvarenga (2017), "Cosmopolíticas e cosmopóéticas do contato", publicado na revista Doc On-line (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), no dossiê "O filme-ensaio" (n. 24, set. 2018). Disponível em: <a href="https://doi.org/10.20287/doc.d24.lt02">https://doi.org/10.20287/doc.d24.lt02</a> .		X		√		
<b>Etapa: pesquisa bibliográfica</b> Tema B: a dignidade e suas imagens Meta 2: resenha de livro a definir					X	√	
<b>Etapa: pesquisa analítica</b> Tema A: genocídio cambojano Meta 3: apresentação de "Arquivo e montagem anarquívica em <i>A Imagem que Falta</i> " no XXI Encontro SOCINE, bem como de versão em inglês na II InterMídia Conference, a ser realizada na University of Reading em novembro de 2017 (proposta submetida, aguardando avaliação)	<b>Resultado 2:</b> <b>Apresentação de trabalho</b> Tema mantido: genocídio cambojano Comunicação em evento "Arquivo e montagem anarquívica em <i>A Imagem que Falta</i> " no XXI Encontro da SOCINE Obs.: Não foi possível participar da II InterMídia Conference, por falta de financiamento para a viagem.		X	√			
<b>Etapa: pesquisa analítica</b> Tema A: genocídio cambojano Meta 4: artigo "Arquivo e montagem anarquívica na obra de Rithy Panh: a intermedialidade como suplemento e invenção" (título provisório), a ser submetido a um periódico nacional, com base em apresentação no XXI Encontro SOCINE, e a um internacional, com base em apresentação em inglês na II InterMídia Conference	<b>Resultado 3:</b> <b>Artigo completo em anais de evento</b> Tema mantido: genocídio cambojano Artigo "Arquivo e montagem anarquívica na obra de Rithy Panh", publicado nos <u>Anais de textos completos do XXI Encontro da SOCINE</u> Obs. 1: O artigo se encontra em processo de reelaboração, para incluir em seu <i>corpus</i> filmes posteriores que o cineasta Rithy Panh dedicou ao tema do genocídio no Camboja. Dessa forma, o texto será desenvolvido como parte do novo projeto de pesquisa. Obs. 2: Por não ter sido possível apresentar o trabalho na II InterMídia Conference, o artigo em inglês relacionado não foi concluído.			X	√		

Atividades e resultados		2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2- 2020.1	
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema B: genocídio indígena no Brasil                      Meta 5: artigo “Cosmopoéticas do espectador selvagem” (título provisório), baseado em comunicação anterior, a ser submetido à revista Significação, chamada para n. 49, com o dossiê temático “Arte cinematográfica e contextos culturais: produções, circulações, processos”, bem como, em versão em inglês, ao livro resultante da I InterMídia Conference.</p>	<p><b>Resultado 4:</b>  <b>Artigo publicado em periódico</b>                      Tema mantido: genocídio indígena                      Artigo “Cosmopoéticas do espectador selvagem”, baseado em comunicações e trabalhos anteriores, publicado na revista Significação (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), no dossiê “Cinema brasileiro contemporâneo: política, estética e invenção (I)” (v. 47, n. 53, janeiro-junho, 2020). Disponível em: <a href="https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2020.160501">https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2020.160501</a>.                      Obs.: A versão em inglês do artigo se encontra em fase de revisão e será publicada no mesmo periódico.</p>		X				√	
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema B: genocídio indígena no Brasil Meta 6: artigo sobre obra(s) a definir, possivelmente do projeto Vídeo nas Aldeias, em 2018.2</p>					X			
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema C: genocídio ruandês                      Meta 7: comunicação em evento a definir em 2018.1 ou 2018.2</p>	<p><b>Resultado 5:</b>  <b>Apresentação de trabalho</b>                      Tema modificado: colonialismo                      Comunicação em evento: Conferência “<i>Avoir 20 ans dans les Aurès</i>: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção”, no evento Câmara Cidadã: Mostra René Vautier, promovido pelo Cinecipó – Festival do Filme Insurgente, em março de 2018 (disponível em: <a href="https://youtu.be/uZBeFiTpaQ4">https://youtu.be/uZBeFiTpaQ4</a>)</p>			X	√	X		
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema C: genocídio ruandês                      Meta 8: artigo sobre obra(s) a definir a ser finalizado em 2019.1</p>	<p><b>Resultado 6:</b>  <b>Artigo em catálogo de evento</b>                      Tema modificado: colonialismo                      Artigo “<i>Avoir 20 ans dans les Aurès</i>: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção”, publicado no catálogo do 7º Cinecipó – Festival do Filme Insurgente (disponível em: <a href="https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo_16x22_cc_final_web-2-pag.pdf">https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo_16x22_cc_final_web-2-pag.pdf</a>)</p>					X	√	
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema D: a escravidão como crime contra a humanidade no cinema e em outros meios                      Meta 9: comunicação em evento a definir em 2018.2 ou 2019.1</p>	<p><b>Resultado 7:</b>  <b>Apresentação de trabalho</b>                      Tema mantido: escravidão                      Comunicação em evento “Retomar o passado: a escravidão em filmes africanos”, no XXII Encontro da SOCINE</p>				X	√	X	X

Atividades e resultados		2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2- 2020.1
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema D: a escravidão como crime contra a humanidade no cinema e em outros meios                      Meta 10: artigo sobre obra(s) a definir a ser finalizado em 2019.2</p>	<p><b>Resultado 8:</b>  <b>Artigo completo em anais de evento</b>                      Tema mantido: escravidão                      Artigo “Retomar o passado: a escravidão em filmes africanos”, nos <u>Anais de textos completos do XXII Encontro da SOCINE</u></p>					√	X
<p><b>Etapa: pesquisa analítica</b>                      Tema E: imagens da dignidade no cinema e em outros meios                      Meta 11: comunicação em evento a definir em 2019.2</p>	<p><b>Resultado 9:</b>  <b>Curso de extensão</b>                      Curso livre “O cinema de Jia Zhangke” (20 a 24 de maio de 2020)                      Quadro sintético disponível em: <a href="https://trello.com/b/yPUzjEuA">https://trello.com/b/yPUzjEuA</a></p>					√	X



## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo geral:**

Estudar os modos como o cinema e outros meios visuais, como a pintura e a fotografia, e audiovisuais, como a televisão e o vídeo participam de um processo histórico e cultural mais amplo de construção da “consciência da humanidade” que declara e sustenta o projeto cosmopolítico dos direitos humanos, contra o registro interminável das violações que proliferam na história recente da humanidade.

### **2.2. Objetivos específicos**

- 2.2.1. Contribuir para a consolidação do debate sobre direitos humanos nos campos dos estudos de cinema e dos estudos de cultura visual, em interlocução com campos em que o debate sobre este tema é mais difundido (como o direito internacional, a filosofia e a antropologia).
- 2.2.2. Analisar as formas de representação e de abordagem cinematográfica e audiovisual de diferentes genocídios, crimes contra a humanidade e violações de direitos humanos: Shoah, genocídio cambojano, genocídio ruandês, genocídio indígena no Brasil e nas Américas, escravidão transatlântica etc.
- 2.2.3. Identificar e compreender tendências mais e menos recorrentes de associação entre imagem e direitos humanos, com ênfase no campo do cinema e do audiovisual: registros para denúncias; coleta de evidências e provas; produção de arquivo e elaboração de memória etc.
- 2.2.4. Explicitar e interrogar as principais noções de dignidade humana pressupostas por toda reivindicação de direitos universais e projetadas por qualquer forma de associação entre imagem e direitos humanos: a dignidade como realização e desenvolvimento da personalidade; a dignidade como empoderamento e como agência etc.

### 3. Dos objetivos aos resultados: uma perspectiva geral

O estudo dos modos como o cinema e outros meios visuais, como a pintura e a fotografia, e audiovisuais, como a televisão e o vídeo participam de um processo histórico e cultural mais amplo de construção da “consciência da humanidade” que declara e sustenta o projeto cosmopolítico dos direitos humanos, contra o registro interminável das violações que proliferaram na história recente da humanidade, pode ser realizado em diversos contextos. O projeto *Imagem e direitos humanos* não propunha uma abordagem exaustiva, que não corresponderia conceitual e empiricamente ao sentido dos direitos humanos como projeto cosmopolítico, que deve necessariamente permanecer aberto à passagem entre contextos para efetivar seu apelo à universalidade

Se, em seu sentido projetivo e cosmopolítico próprio, os direitos humanos devem operar em múltiplos contextos, permanecendo abertos ao *fora de contexto*, numa espécie de registro *trans(con)textual*<sup>1</sup> que a Declaração de 1948 cifra por meio da noção de universalidade, o estudo das relações entre imagem e direitos humanos deve recusar toda pretensão à exaustividade e não apenas assumir, mas reivindicar o caráter lacunar que define suas condições de possibilidade. Por isso, o projeto *Imagem e direitos humanos* propunha a realização de um conjunto de estudos de caso e, ao mesmo tempo, apontava para um interesse em abordagens ensaísticas que permitissem articular a análise de cada caso com um horizonte comparativo trans(con)textual.

O debate sobre direitos humanos nos campos dos estudos de cinema e dos estudos de cultura visual tende a se configurar por meio de dois tipos de pesquisas, que podem se combinar de várias formas: aquelas associadas a abordagens temáticas, interessadas em imagens que estão relacionadas a processos históricos de violações; e aquelas associadas a abordagens engajadas, que convocam as imagens para intervenções no presente das denúncias de violações e das lutas por direitos. No projeto *Imagem e direitos humanos*, em interlocução com campos em que o debate sobre direitos humanos é mais difundido (como o direito internacional, a filosofia e a antropologia), os diferentes estudos de caso realizados partiram de recortes ou eixos temáticos específicos, sendo os seguintes listados no projeto (RIBEIRO, 2017b, p. 11): Shoah, genocídio cambojano, genocídio ruandês, genocídio indígena no Brasil e nas Américas, escravidão transatlântica. Os estudos realizados se concentraram em três desses eixos temáticos: o

---

<sup>1</sup> A noção de trans(con)textualidade remonta à discussão metodológica que propus em minha dissertação de mestrado (RIBEIRO, 2008), especialmente ao questionamento da lógica da contextualização, tal como esta orienta a pesquisa em ciências humanas, de modo geral, e à exploração do que denominei gráfica da transtextualidade, referindo-me ao modo como os processos de produção de sentido que organizam a vida social ultrapassam os enquadramentos contextuais que pretendem delimitá-los.

genocídio cambojano, por meio do estudo da obra de Rithy Panh; os genocídios indígenas no Brasil, por meio do estudo de “filmes de contato” (ALVARENGA, 2017); e a escravidão transatlântica, por meio do estudo comparativo de abordagens africanas e afrodiáspóricas.

Embora partissem de eixos temáticos pré-definidos, os estudos realizados buscaram extrapolar a abordagem temática, seja por meio do reconhecimento dos modos como toda discussão sobre eventos do passado se inscreve no presente, seja por meio da tentativa de identificar e compreender tendências mais e menos recorrentes de associação entre imagem e direitos humanos, com ênfase no campo do cinema e do audiovisual. O projeto listava as seguintes possibilidades hipotéticas: registros para denúncias; coleta de evidências e provas; produção de arquivo e elaboração de memória. Com os estudos realizados, tornou-se evidente a necessidade de situar as abordagens temáticas e engajadas por meio da perspectiva associada ao que denomino arqueologia do sensível (ver item 4, abaixo). Dessa perspectiva, é possível diferenciar analiticamente seis possibilidades de relação entre imagem e direitos humanos: (1) as imagens como registros testemunhais de eventos; (2) a mobilização de testemunhos imagéticos para a construção de denúncias de violações; (3) o recurso a imagens como evidências e provas em processos investigativos e jurídicos; (4) a reunião de imagens como parte de arquivos sobre violações e lutas por direitos; (5) a mobilização de imagens para o trabalho de memória em torno de violações e lutas por direitos; (6) a disseminação de imagens em projeções de dignidade, de noções e de representações sensíveis da vida digna.

Para relatar como foram efetivamente desenvolvidas as atividades associadas ao objetivo geral e aos objetivos específicos do projeto, é importante detalhar as motivações e os efeitos dos ajustes relativos às metas e ao cronograma, já indicados sumariamente na tabela do item 1.1, principalmente no que concerne aos fatores positivos associados às mudanças realizadas. Assim, nos próximos itens, serão apresentados e discutidos os resultados do projeto, de modo a detalhar os seguintes tópicos, cujo conjunto oferece uma enumeração resumida do que foi realizado:

- Criação de (e participação em) redes de interlocução
  - Criação de grupo de pesquisa
    - Arqueologia do sensível (Facom-UFBA)  
Informações: <https://bit.ly/arqueologia-do-sensivel>
  - Relações com outros grupos de pesquisa
    - Laboratório de Análise Fílmica (Póscom-UFBA)
    - Tecnopoéticas (CEFET-MG)
    - Núcleo de Estudos da Crítica (IL-UFBA)

- Participação em eventos promovidos por outros grupos e redes
  - Apresentação de trabalho no I Colóquio de Fotografia da Bahia (Instituto Goethe, Salvador, 2017), promovido pela Escola de Belas Artes (UFBA)
  - Conferência na Mostra René Vautier (Sesc Palladium, Belo Horizonte, 2018), promovido pelo Cinecipó – Festival de Cinema Insurgente e pelo grupo de pesquisa Tecnopoéticas (CEFET-MG)  
Disponível em: <https://youtu.be/uZBeFiTpaQ4>
  - Apresentação de trabalhos no XXI Encontro SOCINE (UFPB, João Pessoa, 2017) e no XXII Encontro SOCINE (UFG, Goiânia, 2018)
- Obtenção de apoio por meio de editais de fomento a bolsas estudantis
  - Edital PROPCI-UFBA 01/2018 – PIBIC
    - Bolsa FAPESB: estudante Mateus de Jesus Viana
    - Bolsa CNPq: estudante George Diniz Teixeira
  - Edital PROPCI-UFBA 01/2018 – PIBIC
    - Bolsa FAPESB: Marina Lordelo Carneiro
    - Bolsa CNPq: Roberta Catherine Mutte de Castro  
(Observação: No âmbito deste edital também está sendo desenvolvido um plano de trabalho voluntário, pelo estudante Jeferson Alan dos Santos Ferreira.)
- Adoção de rotinas de compartilhamento de dados, processos e resultados de pesquisa
  - Disponibilização pública do projeto de pesquisa, em 18 de agosto de 2017:  
<https://www.incinerrante.com/textos/imagem-e-direitos-humanos-2017-2019>
  - Disponibilização pública do quadro sintético usado no curso livre “O cinema de Jia Zhangke”, que contém dados sobre o cineasta e sobre seus filmes, disponível desde 20 de maio de 2019  
Informações: <https://trello.com/b/yPUzjEuA>
  - Disponibilização pública de informações sobre as atividades do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível  
Informações: <https://bit.ly/arqueologia-do-sensivel>
  - Disponibilização pública deste relatório de pesquisa  
Em: <https://www.incinerrante.com/projetos/imagem-e-direitos-humanos/relatorio>
- Publicações associadas às atividades de pesquisa realizadas
  - Artigos
    - “Ver junto: fotografia, cinema e as imagens que faltam do genocídio indígena em andamento no Brasil”, publicado nos Anais do Colóquio de Fotografia da

Bahia, v. 1, n. 1, set. 2017.

Disponível em: <http://www.coloquiodefotografia.ufba.br/wp-content/uploads/2018/07/coloquio-catalogo-maio-2018.pdf>

- “*Avoir 20 ans dans les Aurès*: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção”, publicado no catálogo do 7º Cinecipó – Festival do Filme Insurgente

Disponível em: [https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo\\_16x22\\_cc\\_final\\_web-2-pag.pdf](https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo_16x22_cc_final_web-2-pag.pdf)

- “Arquivo e montagem anarquívica na obra de Rithy Panh”, publicado nos Anais de textos completos do XXI Encontro SOCINE

Disponível em: [https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompletos2017\(XXI\).pdf](https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompletos2017(XXI).pdf)

- “Cosmopolíticas e cosmopoéticas do contato”, publicado na revista Doc On-line (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), no dossiê “O filme-ensaio” (n. 24, set. 2018)

Disponível em: <https://doi.org/10.20287/doc.d24.lt02>.

- “Cosmopoéticas do espectador selvagem”, publicado na revista Significação (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), no dossiê “Cinema brasileiro contemporâneo: política, estética e invenção (I)” (v. 47, n. 53, janeiro-junho, 2020)

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2020.160501>.

- Tradução

- Ensaio “Venus in Two Acts”, de Saidiya Hartman, publicado originalmente em no periódico Small Axe, v. 12, n. 2 (2008), traduzido com Fernanda Sousa (USP), com revisão técnica de Kenia Freitas (UNESP), submetido para publicação na revista Estudos Avançados (USP)

- Livro

- *Do inimaginável* (RIBEIRO, 2019a), decorrente da pesquisa que antecedeu e fundamentou o projeto

Informações: <https://www.incinerrante.com/livros/do-inimaginavel>

- Exploração de desdobramentos possíveis da pesquisa

- Desdobramentos explorados durante o desenvolvimento das atividades do projeto

- Oferta da disciplina Cinema e História, com abordagem específica voltada à discussão de temas do projeto, nos semestres 2018.2, 2019.1 e 2019.2

Informações: <https://www.incinerrante.com/cursos/cinema-e-historia>

- Curso livre “O cinema de Jia Zhangke”, oferecido com base no PIBIC 2018, com a atuação dos bolsistas Mateus Viana e George Teixeira como professores

Informações: <https://trello.com/b/yPUzjEuA>

- Desdobramentos que apontam para depois das atividades do projeto
  - Publicação do artigo “O macaco com a câmera na mão: montagem anarquívica e devir-animal em Leo Pyrata”, na Esferas – Revista Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 9, n. 16, 2019

Informações: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11065>

- Elaboração de novo projeto de pesquisa, intitulado *O paradigma anarquívico*.

#### **4. Materiais e métodos: da análise imanente à deriva (an)arqueológica**

O movimento que conduz dos objetivos propostos aos resultados obtidos está relacionado a um movimento metodológico fundamental. Os marcos metodológicos identificados no projeto – que eram a análise filmica, a consideração das relações entre mídias (intermedialidade), o recurso à comparação e a proposição de um programa mais amplo, o atlas de cosmo-poéticas – foram deslocados e condensados por meio da formulação da noção de *arqueologia do sensível*. O que essa noção designa estava já de alguma forma indicado no projeto, embora permanecesse implícito, de modo geral.

A elaboração da noção ocorreu no âmbito do processo de criação do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível, no contexto das atividades e resultados do projeto que podem ser associados à constituição de redes de interlocução. A criação do grupo coordenado pelo proponente, Marcelo R. S. Ribeiro, e pelo professor Marcelo M. Costa, também da Facom-UFBA ocorreu em abril de 2018, e foi solicitado no segundo semestre daquele ano o registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O espelho está em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9394228391162490>. O grupo tem mantido, desde então, atividades regulares de pesquisa, envolvendo docentes e estudantes de graduação e de pós-graduação da UFBA e de outras instituições de Salvador, assim como de outras partes do Brasil. Reproduzo no item 4.1 e em seus subitens, abaixo, o texto apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação da UFBA como parte da solicitação de registro do grupo, no qual o grupo é apresentado, e os conceitos que orientam a *arqueologia do sensível* como deriva metodológica, apresentados e discutidos.

#### 4.1. Arqueologia do sensível

O grupo de pesquisa e estudos Arqueologia do Sensível busca refletir sobre a imagem em sentido amplo, em perspectiva histórica e antropológica, com um interesse aberto em diversas possibilidades de estudos e experiências. Trata-se de uma iniciativa de articulação interdisciplinar – e, potencialmente, indisciplinar e intersticial, como se pretende explicar abaixo – que visa ao desenvolvimento de investigações teóricas, críticas, historiográficas, criativas e experimentais relacionadas às diferentes configurações da experiência das imagens. Com base em atuação institucional nos estudos de cinema e audiovisual e na comunicação, pretende-se explorar possibilidades de diálogo entre perspectivas dos campos da história, da antropologia, da literatura, dos estudos de arte e cultura visual, entre outros horizontes de interlocução, para tornar possível a constituição de uma rede de pesquisadores/as. O que define essa rede em construção é a partilha do interesse em um horizonte empírico ampliado, definido pelo conceito de *sensível*, e em uma abertura metodológica radical, definida pelo conceito de *arqueologia*.

O campo dos estudos de cinema e audiovisual é essencialmente interdisciplinar em sua história, mas não é certo que a abertura radical que corresponde a essa condição permaneça operante em suas configurações atuais e nas pesquisas que encontram em tais configurações parte fundamental de suas condições de possibilidade. Este grupo está relacionado, em parte, a um desejo de reivindicação da interdisciplinaridade, entendida tanto como a mobilidade entre diferentes campos disciplinares institucionalizados quanto como a recusa ativa de toda forma de captura disciplinar e institucional do discurso e da imaginação, e visa à elaboração de um programa intersticial de pesquisa – inscrito no *entre-lugar* indisciplinar que torna possível toda interdisciplinaridade – ao qual denominamos *arqueologia do sensível*.

Recusar a captura disciplinar e institucional não é supor um espaço neutro, não disciplinar e não institucionalizado, mas engajar-se na produção de um espaço de rigor indisciplinado e de deriva *contra-institucional* do pensamento, da pesquisa e da experimentação. O espaço intermediário da indisciplinaridade não deve ser confundido com aquele designado pelo conceito de transdisciplinaridade, tal como se consolida na Carta redigida por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, no Convento de Arrábida, em Portugal, no dia 6 de novembro de 1994, mas ambos estão relacionados. Efetivamente, pode-se dizer que transdisciplinaridade e indisciplinaridade constituem duas modalidades de deslocamento da economia geral da interdisciplinaridade, a qual é baseada na construção de uma ordem multidisciplinar dos saberes e no estabelecimento de procedimentos de comunicação entre as disciplinas.

Se a transdisciplinaridade opera sob o signo de uma integração dos saberes multidisciplinares, a indisciplinaridade reivindica o reconhecimento das fraturas, das frestas, das fissuras, que resguardam possibilidades de associação disjuntiva. Se, como se lê no artigo 3º da Carta de 1994, “a Transdisciplinaridade é complementar da aproximação disciplinar”, a indisciplinaridade é suplementar, acrescentando às lacunas entre as disciplinas um excesso que permanece irreduzível a elas e à soma entre elas, sem possibilidade de encaixe e de integração. Se, enfim, “a Transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa”, definindo uma relação transversal com os saberes multidisciplinares, a indisciplinaridade estabelece uma relação geológica com a economia geral das disciplinas: não um atravessamento que deve finalmente obedecer às leis de fronteira que as separam, mas um deslocamento profundo das placas, dos marcos e das paisagens em que a possibilidade da fronteira deve buscar seu fundamento a cada vez em que é demarcada.

Como programa indisciplinar, a arqueologia do sensível decorre da produção e da reprodução de uma tensão, de um desajuste, de uma inquietação diante das formas de captura disciplinar e institucional que a assombram, situadas no interior de campos diversos, como a história e a história da arte, a sociologia e a antropologia da arte e da cultura, os estudos culturais, os estudos de arte e cultura visual e os estudos de cinema e audiovisual, entre outros. Dessa forma, a *arqueologia do sensível* não é redutível a qualquer um desses campos, aos quais está relacionada de modo ambivalente, pois busca questões, procedimentos e interesses em cada um deles, ao mesmo tempo em que reintroduz uma estranheza em seu interior e desloca suas coordenadas. Para compreender como opera essa reintrodução de estranheza e esse deslocamento de coordenadas, na relação entre a arqueologia do sensível como constelação teórico-metodológica indisciplinar e contra-institucional, de um lado, e os campos disciplinares e interdisciplinares institucionalizados com os quais dialoga, de outro, é preciso definir os conceitos de *sensível* e de *arqueologia*.

#### **4.1.1. O conceito de *sensível***

O horizonte empírico ampliado indicado pelo conceito de *sensível* deve ser compreendido como parte de um questionamento de classificações fechadas das formas artísticas e culturais, baseadas em noções de especificidade dos meios, de autonomia das formas e de constituição de campos sociais que é preciso interrogar, em vez de assumir como pressupostos. Nesse sentido, o conceito de *sensível* designa a imagem em sentido amplo e recobre tanto os objetos



mais imediatamente associados ao contexto institucional em que o grupo se situa – o cinema, em primeiro lugar – quanto fenômenos mais afastados desse núcleo – não apenas aqueles associados à noção corrente, embora imprecisa, de audiovisual, mas igualmente a literatura e a dança, para dar dois exemplos de modalidades artísticas muito diferentes entre si, ou a arquitetura e as experiências de transe, para dar dois exemplos de modalidades que indicam o transbordamento da arte e de sua esfera de imagens que duram.

“A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva”, como escrevem Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010, p. 193), mas “não é à maneira da indústria”, uma vez que “[o] que se conserva [...] é *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos*”. Se a arte se define, assim, como a composição de blocos de sensações que conservam e se conservam, isto é, mais simplesmente, de imagens que duram e que configuram experiências estéticas, o conceito de *sensível* implica a possibilidade de um transbordamento e de uma passagem a esferas de imagens que se perdem e se perderam, que se transmitem de modo fugaz, cuja forma de aparição é indissociável de seu modo de desaparecimento – tais como imagens de sonho ou sensações dispersas (que não constituem blocos e permanecem, portanto, aquém da composição artística, tal como a definem Deleuze e Guattari).

A experiência estética que está em jogo nos blocos de sensações da arte se inscreve no meio da experiência sensível, no que Emanuele Coccia (2010, p. 45) denomina “espaço medial”, definido pela “potência suplementar e escondida, a faculdade receptiva” das coisas (COCCIA, 2010, p. 31), isto é, a “potência receptiva” (COCCIA, 2010, p. 32) que torna possível que qualquer coisa, qualquer corpo, qualquer ente se torne “meio para outra forma que existe fora de si”. O sensível se define, portanto, por seu pertencimento ao “espaço medial” em que habitam as imagens, em geral (e no qual as imagens artísticas intervêm como blocos de sensações), e por sua “simultânea autonomia em relação ao sujeito e ao objeto” (COCCIA, 2010, p. 45). A potência ou faculdade receptiva que define o espaço medial da experiência sensível se desdobra, em todo vivente, na capacidade de emissão e de produção de sensível, a qual alcança, entre os seres humanos, segundo Coccia (2010, p. 43), “um maior grau de complexidade”.

A arte figurativa, a literatura, a música, mas também grande parte das cerimônias políticas e a totalidade das liturgias religiosas constituem, antes de tudo, em atividades de produção de formas sensíveis. Todos os nossos costumes, os nossos hábitos, se encarnam em um sensível desencarnado de nosso corpo anatômico; qualquer objeto técnico é uma incorporação sensível, uma “sensificação” de vontade, subjetividade, espiritualidade. O homem, no mais e acima de tudo, não faz senão sensificar o espírito, sensificar sua racionalidade. Escrever, falar e até mesmo pensar significam, sobretudo, mover-se no sentido contrário: encontrar a imagem certa, o sentido certo que permite tanto tornar real aquilo que se pensa e se experimenta quanto encontrar aquilo que possibilita a libertação disso tudo. Viver significa, antes de mais nada, dar sentido, *sensificar* o racional, transformar o psíquico em imagem exterior, dar corpo e experiência ao espiritual. (COCCIA, 2010, p. 43-44)

Pensar as relações entre experiência estética e experiência sensível exige, portanto, atravessar as passagens entre os atos estéticos de composição de blocos de sensações, que definem a esfera das imagens artísticas, e os atos de recepção, emissão e produção de formas sensíveis, em geral, que definem a esfera das imagens em sentido amplo, como esfera do que Jacques Rancière (2005) denomina “partilha do sensível”, para pensar conjuntamente estética e política:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.

O horizonte empírico ampliado que está em jogo no conceito de *sensível* se define, assim, no compasso de um movimento entre a arte e o mundo comum que nenhuma dialética é capaz de resolver, já que nenhuma síntese pode diluir a polarização que delimita seu jogo indecível: não há oposição ou dicotomia entre arte e mundo, entre estética e política, entre a atividade de composição de blocos de sensações e a vida sensível que a abriga, mas uma relação que pode assumir configurações variáveis, no espaço e no tempo, mas remonta, em geral, ao que se poderia denominar, extrapolando em deriva a argumentação de Aby Warburg (2009, p. 127) sobre o período renascentista, uma “matriz cunhadora dos valores expressivos”. O vislumbre dessa matriz, que atravessa as diferenças de espaço e tempo entre as configurações variáveis de arte e mundo, depende do reconhecimento de duas características fundamentais do *sensível*, das imagens, das formas: sua “absoluta transmissibilidade” e sua “infinita apropriabilidade”, como escreve Coccia (2010, p. 59 e p. 68, entre outras), que argumenta: “Essa coincidência de apropriabilidade e alienabilidade da imagem é aquilo que define o estatuto de nossa própria experiência” (COCCIA, 2010, p. 69).

Se o sensível se define por sua transmissibilidade e apropriabilidade, é possível pensar, como sugere Jacques Rancière (2005, p. 11), “os atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas da subjetividade política”. Política e estética se definem, nesse sentido, em relação ao sensível, à sua partilha (que inventa e produz o comum de qualquer comunidade) e à sua reconfiguração (que desloca os termos do comum e perturba as ideias convencionais de comunidade a partir do dissenso). Se “[o] espírito ou a ‘cultura’ de um povo pode se produzir somente nessa atividade de emissão de sensível”, como argumenta Coccia (2010, p. 44), e essa atividade é, ao mesmo tempo, produtiva e receptiva, o que Rancière chama de “partilha do sensível”, como configuração do comum, emerge de processos históricos de transmissão do sensível.

#### **4.1.2. O conceito de *arqueologia***

Uma arqueologia do sensível aspira, portanto, a uma compreensão da experiência, em geral, e da experiência estética, em particular, que faça justiça a seu estatuto imagético fundamental – e fundamentalmente contingente: transferível, transmissível e apropriável. Para desdobrar essa compreensão, a cada vez, será preciso pensar estética e política, arte e mundo, “blocos de sensações” e “partilha do sensível”, sem reduzir a relação entre os termos a oposições e a dicotomias, na medida em que se busca reconhecer e investigar as configurações variáveis da relação de polaridade e de intensificação que os define. As noções de “polaridade” e de “intensificação” correspondem às duas “leis” que, segundo Johann Wolfgang von Goethe, governam tanto a natureza quanto a arte. Izabela Kestler (2006, p. 49) explica que as “leis da polaridade (*Polarität*) e da intensificação (*Steigerung*)” constituem “conceitos fundamentais” da “visão de mundo [de Goethe] como um todo, da natureza, da vida humana e da arte. O conceito de polaridade pertence à matéria, e o da intensificação ao espírito, pensados conjuntamente.” Efetivamente, a perspectiva de uma arqueologia do sensível está baseada num pensamento conjunto da “matéria” e do “espírito” (em vez de sua oposição numa dicotomia) e tem em seu horizonte a “redescoberta da noção goethiana de polaridade, usada para uma compreensão global de nossa cultura”, que, segundo Giorgio Agamben (2015, p. 125), “está entre as mais fecundas heranças que Warburg deixou à ciência da cultura”.

A abertura metodológica radical que define a arqueologia do sensível articula as heranças da “arqueologia do saber” de Michel Foucault (2008), da “arqueologia das mídias” de Siegfried Zielinski (2006), de Friedrich Kittler (2016) ou de Thomas Elsaesser (2018) e da “ciência sem nome” de Aby Warburg e de seu atlas *Mnemosyne*, tal como vem sendo retomada

e reconfigurada, numa “arqueologia da cultura”, por Georges Didi-Huberman (2018, p. 36; 2015). Se método é, etimologicamente, caminho, via, travessia, o que a noção de arqueologia do sensível aspira a insinuar é o movimento aberto da exploração de uma deriva, em contraposição à demarcação de uma via unívoca de produção de conhecimento; a prática rigorosa do desvio e da digressão, do extravio e do acesso indireto, em contraposição à pretensão usual ao percurso direto e à clareza da trilha; a “espiral que amplia continuamente suas voltas”, segundo um movimento de “ir e vir da parte ao todo [que] nunca é um regresso, de fato, ao mesmo ponto” (AGAMBEN, 2015, p. 123), em contraposição ao círculo como figura de fechamento – seja ele hermenêutico, analítico ou empírico.

Na constelação de heranças associadas ao conceito de *arqueologia*, está em jogo a reivindicação de uma perspectiva sobre a história (e sobre a historicidade) das imagens. Estudar a história das imagens – isto é, do sensível, de sua configuração numa partilha estético-política e de suas possíveis reconfigurações no cinema, nas artes etc. – a partir de uma perspectiva arqueológica implica assimilar metodologicamente a contingência das imagens, a abertura irreduzível a múltiplas temporalidades que deriva de sua transmissibilidade e apropriabilidade entre contextos, entre tempos, entre situações históricas. Pensar as imagens em seu movimento entre contextos implica articular perspectivas de contextualização histórica e um reconhecimento da descontextualização constitutiva de toda escrita da história, como argumenta Walter Benjamin (2009, p. 518):

Os acontecimentos que cercam o historiador, e dos quais ele mesmo participa, estarão na base de sua apresentação como um texto escrito com tinta invisível. A história que ele submete ao leitor constitui, por assim dizer, as citações deste texto, e somente elas se apresentam de maneira legível para todos. Escrever a história significa, portanto, citar a história. Ora, no conceito de citação está implícito que o objeto histórico em questão seja arrancado de seu contexto. (BENJAMIN, 2007, p. 518)

Reconhecer a descontextualização do objeto histórico que constitui toda forma de escrita da história é reconhecer um anacronismo irreduzível, que deve ser pensado, como sugere Georges Didi-Huberman (2015, p. 28), como “como um momento, como uma pulsação rítmica do método”. A arqueologia do sensível assume o “risco de *abrir* o método” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 28), para que seja possível compreender de modo articulado, embora disjuntivo, na história das imagens, o que Benjamin descreve como “citações” que “se apresentam de maneira legível para todos” – as imagens existentes, as imagens que restam e que sobrevivem aos acontecimentos e à passagem do tempo – e o que permanece concebível, em seus termos, “como um texto escrito com tinta invisível” – as imagens que faltam, seja porque não sobreviveram à

desaparição, seja porque sequer emergiram. “Olhar as coisas de um ponto de vista arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido”, escreve Didi-Huberman (2017, p. 41). Entre as imagens que restam e as imagens que faltam, a arqueologia do sensível busca entrever a história como um processo de transformações na partilha do sensível que define toda forma de comunidade política.

#### **4.1.3. Objetivo geral do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível**

Refletir sobre a imagem em sentido amplo, em perspectiva histórica e antropológica, com um interesse aberto em diversas possibilidades de estudos e experimentações estéticas, associadas aos campos do cinema e da experiência sensível.

#### **4.1.4. Objetivos específicos do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível**

- a) Desenvolver investigações teóricas, críticas, historiográficas, criativas e experimentais relacionadas às diferentes configurações da experiência das imagens.
- b) Discutir a história da imagem, em suas dimensões políticas e afetivas, a partir do diálogo entre perspectivas dos campos da história, da antropologia, da literatura, da arte e da cultura visual.
- c) Elaborar e propor a arqueologia do sensível como programa de pesquisa e abordagem metodológica.
- d) Estabelecer diálogos e colaborações interdisciplinares, como base para a constituição da abordagem da arqueologia do sensível.
- e) Constituir uma rede interinstitucional de pesquisadoras e pesquisadores.

#### **4.1.5. Linhas de pesquisa do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível**

##### **4.1.5.1. Imagem e história**

Objetivo: Estudar as relações entre imagem e história; a história como narrativa ficcional e a ficção em suas dimensões históricas; a história como memória e os efeitos políticos das imagens; a dimensão espaço-temporal das imagens e a construção sensível, afetiva e imaginativa da memória.

Palavras-chave: história da imagem; política; memória.

#### 4.1.5.2. Imagem e Corpo

Objetivo: Discutir as relações entre imagem e corpo; o corpo na história da arte e da imagem; a imagem como corpo e sua materialidade em diferentes mídias; o gesto e o movimento como expressões dos afetos.

Palavras-chave: história da imagem; gesto; afetos.

### 5. Resultados e discussão: os eixos analítico-conceituais e a abertura como prática

Além do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível, que se converteu no principal contexto de desenvolvimento do projeto *Imagem e direitos humanos*, é importante mencionar as relações com outros grupos de pesquisa e instituições, considerando os modos como contribuíram para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, para apresentações do processo e dos resultados, e também para a elaboração de textos que vieram a ser publicados. São três grupos de pesquisa e três eventos que se mostraram fundamentais para o projeto:

- Grupos de pesquisa
  - Laboratório de Análise Fílmica (Póscom-UFBA)
  - Tecnopoéticas (CEFET-MG)
  - Núcleo de Estudos da Crítica (PRONEC-UFBA)
- Eventos
  - I Colóquio de Fotografia da Bahia (2017)
  - XXI Encontro SOCINE (2017)
  - XXII Encontro SOCINE (2018)

Entre esses diversos contextos, a pesquisa se desdobrou com base no estudo analítico de filmes e na busca de abordagens comparativas e intermediais, conduzindo à exploração de dois eixos analítico-conceituais e à adoção de duas práticas epistemológicas articuladas:

- Eixos analítico-conceituais
  - Montagem anarquívica
  - Atlas de cosmopoéticas
- Práticas epistemológicas
  - Integração entre pesquisa, ensino e extensão
  - Compartilhamento aberto de dados, processos e resultados de pesquisa

## **5.1. Laboratório de Análise Fílmica (Facom-UFBA), Tecno-poéticas (CEFET-MG) e encontros da SOCINE: análises de formas de montagem anarquívica e de fabulação**

Desde maio de 2017 (quando iniciei minhas atividades como docente na Facom-UFBA) até o segundo semestre de 2019, atuei assiduamente no Laboratório de Análise Fílmica (LAF), com o qual permaneço vinculado como colaborador a partir do primeiro semestre de 2020. Mais especificamente, no Núcleo de Ficção do LAF, conhecido como Pepa e coordenado pelo professor Guilherme Maia (Facom-UFBA), o projeto foi apresentado e discutido em reunião realizada no dia 13 de outubro de 2017, com a presença de membros do grupo ligados a diferentes cursos e instituições, em nível de graduação e pós-graduação. Também foram apresentadas no LAF-Pepa as ideias que conduziram às apresentações realizadas nos encontros da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, em 2017 e 2018.

### **5.1.1. Apresentação e artigo “Arquivo e montagem anarquívica em A Imagem que Falta”**

A primeira apresentação da pesquisa em um evento da Socine ocorreu em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, que sediou o XXI Encontro SOCINE entre os dias 17 e 20 de outubro de 2017. No Seminário Temático “O comum e o cinema”, a apresentação de uma análise do filme *A imagem que falta* (*L’image manquante*, 2013), do cineasta cambojano Rithy Panh, tornou possível organizar e discutir algumas ideias importantes sobre um dos conceitos que se mostraria crucial para todo o projeto, assim como para os desdobramentos posteriores: o conceito de *montagem anarquívica*.

Da apresentação ao texto publicado nos anais do evento (RIBEIRO, 2018b), a análise estética, baseada na atenção aos recursos de linguagem audiovisual movimentados pelo cineasta, torna possível pensar a dimensão política do filme de Panh. Para compreender a obra, foram discutidas as modalidades e os sentidos simbólicos do gesto de criação de estátuas de barro e de maquetes, da recusa da animação e da busca de composição de *tableaux* sintéticos que se encadeiam numa narrativa memorial, bem como os diferentes procedimentos que tornam possível a apropriação de imagens de arquivo (recorte, sobreimpressão etc.). Nesse contexto, o conceito de *montagem anarquívica* permite designar, a um tempo, uma forma de relação com o arquivo que decorre de um trabalho de deslocamento, de descontextualização, de desterritorialização de suas imagens, e uma forma de relação com o porvir, com o que vem, com o comum que resta a inventar.

Com o lançamento de *Exile* (2016), tinha ficado evidente o interesse de Panh em dar continuidade às suas tentativas de abordar cinematograficamente a memória do genocídio cambojano, no qual sua família foi uma das vítimas da perseguição e da violência perpetrada pelo regime do khmer vermelho. Em seus filmes, pode-se observar o modo como Panh suplementa, de modo criativo e inventivo, o trabalho de arquivista que caracteriza sua pesquisa sobre o genocídio e que define o campo de atuação do Bophana Audiovisual Resource Center (Centro Bophana de Recursos Audiovisuais, em tradução livre), que ele fundou junto com Ieu Pannakar em 2006<sup>2</sup>.

Para dar conta desse processo, é imprescindível interrogar o problema do arquivo de modo mais amplo, nos campos do cinema, da arte e da cultura visual, ao mesmo tempo em que se amplia a análise da montagem anarquívica em outros filmes. Com o lançamento de *Les tombeaux sans noms* (2018), confirmou-se que a obra de Rithy Panh deve ser objeto de incursões analíticas em um contexto mais abrangente. Este foi o principal motivo para a decisão de converter o estudo de caso de *A imagem que falta* em uma pesquisa mais ampla, o que exige sua inserção em um novo projeto de pesquisa. Este novo projeto, que constitui um dos desdobramentos do projeto *Imagem e direitos humanos*, buscará identificar e analisar, em diferentes contextos artísticos e cinematográficos, com base em uma arqueologia do sensível, o que se pode denominar *paradigma anarquívico* na relação com as imagens que restam e com as imagens que faltam, entendidas como parte do arquivo da história<sup>3</sup>.

### **5.1.2. Apresentação e artigo “Retomar o passado: a escravidão em filmes africanos”**

A segunda apresentação da pesquisa em um evento da Socine ocorreu em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás, que sediou o XXII Encontro SOCINE entre os dias 23 e 26 de outubro de 2018. No Seminário Temático “Cinema Negro africano e diaspórico – Narrativas e representações”, a apresentação de uma análise comparativa dos filmes *Sankofa* (Haile Gerima, 1993), *Adangaman* (Roger Gnoan M’bala, 1999) e *Slave Warrior: The Beginning* (2007) foi a ocasião de uma abordagem de um dos problemas centrais do projeto *Imagem e direitos humanos* em relação a diferentes contextos de violações: considerando a iconografia e as imagens existentes dos processos históricos de violações, como os filmes fabricam as imagens que faltam da experiência histórica?

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <https://bophana.org/about/>. Acesso em: 26/05/2020.

<sup>3</sup> Ver item 6, abaixo.



Da apresentação ao texto publicado nos anais do evento (RIBEIRO, 2018c), esse problema de pesquisa, que já estava formulado no projeto, foi desdobrado em perguntas que explicitavam o problema do arquivo: “Como o cinema pode suplementar as lacunas do arquivo da história? Em que sentidos opera e que riscos mobiliza esse suplemento, cuja natureza é fundamentalmente anarquívica?” (RIBEIRO, 2018c, p. 694). Efetivamente, uma das condições de possibilidade da abordagem do eixo temático da escravidão foi o reconhecimento do modo como o problema do arquivo emerge no debate sobre memórias e heranças da escravidão. A amplitude dessas questões evidenciou a necessidade de ampliar e aprofundar o estudo do eixo temático da escravidão, o que conduziu à proposição de um projeto de PIBIC em 2019 (ver item 5.3, abaixo) e à conversão do problema do arquivo, mais uma vez, em objeto central de interesse.

Uma das leituras realizadas no grupo Arqueologia do sensível se revelaria crucial nesse percurso: o ensaio “Venus in Two Acts”, de Saidiya Hartman (2008), que traduzi em colaboração com a professora e pesquisadora Fernanda Sousa (USP), com revisão técnica de Kenia Freitas (UNESP). O ensaio está em vias de publicação na revista Estudos Avançados (USP). Nesse ensaio crucial, Hartman (2008, p. 10) argumenta: “O arquivo da escravidão repousa sobre uma violência fundadora.”<sup>4</sup> Para confrontar essa violência fundadora, a autora propõe um método que ela denomina “fabulação crítica” (*critical fabulation*):

Jogando com os elementos básicos da história [*story*] e rearranjando-os, re-apresentando a sequência de eventos em histórias [*stories*] divergentes e de pontos de vista em disputa, eu tentei perturbar o status do evento, deslocar o relato recebido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito. (HARTMAN, 2008, p. 11)<sup>5</sup>

Penso que a “fabulação crítica” de Hartman pode ser compreendida como uma forma de relação com o arquivo histórico da escravidão que, interrogando sua violência fundadora, explora a condição de abertura anarquívica em que seus traços sobrevivem no presente. Nesse sentido, a pesquisa sobre o eixo temático da escravidão convergiu com as atividades relativas a outros eixos temáticos do projeto. O ponto de convergência é o que proponho denominar *paradigma anarquívico*<sup>6</sup>, como modalidade múltipla de relação com imagens, entendidas como

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. No original: “The archive of slavery rests upon a founding violence.”

<sup>5</sup> Tradução nossa. No original: “By playing with and rearranging the basic elements of the story, by re-presenting the sequence of events in divergent stories and from contested points of view, I have attempted to jeopardize the status of the event, to displace the received or authorized account, and to imagine what might have happened or might have been said or might have been done.”

<sup>6</sup> Ver item 6, abaixo.

parte do arquivo da história. O paradigma anarquívico, que se manifesta por meio de diversas formas de (re)montagem anarquívica, também pode ser observado em diferentes modalidades de fabulação que, de formas comparáveis à “fabulação crítica” de que fala Hartman (2008), confrontam e suplementam a “violência fundadora” e as lacunas do arquivo da história. Para dizê-lo sucintamente, considerando esse paradigma com base em uma arqueologia do sensível, será preciso desdobrar *uma (an)arqueologia do paradigma anarquívico*.

### **5.1.3. Conferência e artigo “*Avoir 20 ans dans les Aurès: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção*”**

O estabelecimento de relações com outro grupo de pesquisa ocorreu com um convite para participar, em março de 2018, da Mostra René Vautier, no Sesc Palladium, em Belo Horizonte. Promovida pelo Cinecipó – Festival de Cinema Insurgente e pelo grupo de pesquisa Tecnopoéticas (CEFET-MG), a mostra exibiu diversas obras do importante cineasta bretão, associado à noção de “cinema de intervenção social” (VAUTIER, 1998). A conferência que fui convidado a oferecer abordou o filme *Avoir 20 ans dans les Aurès* (1972)<sup>7</sup>, no qual Vautier elabora uma abordagem ficcional da guerra franco-argelina que conduziu à independência política da Argélia, na passagem entre as décadas de 1950 e 1960. Baseada em gravações de entrevistas com ex-soldados franceses alistados para a guerra de ocupação colonial, a fabulação ficcional proposta por Vautier tem como fundamento uma articulação entre duas formas de realismo: um realismo mimético e um realismo ético.

O texto de base da conferência foi publicado posteriormente com o título “*Avoir 20 ans dans les Aurès: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção*”, no catálogo do 7º Cinecipó – Festival do Filme Insurgente (RIBEIRO, 2018a). Parte dos argumentos ali apresentados evidenciavam as relações entre a confrontação direta do colonialismo que Vautier realiza em sua obra, de modo geral, e a reelaboração ficcional a que ele se dedica em *Avoir 20 ans...*, tornando possível reconhecer um problema crucial do projeto *Imagem e direitos humanos* em um *corpus* de análise que não tinha sido previsto no mesmo: quais as relações entre o recurso à imagem para denúncias de violações e o recurso à imagem para reelaborações ficcionais?

Vautier se tornou reconhecido inicialmente por sua contundente denúncia do colonialismo francês na África, no filme *Afrique 50* (1950), e em sua obra a denúncia constitui um horizonte recorrente. Ao mesmo tempo, seus filmes ultrapassam essa subordinação funcional

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://youtu.be/uZBeFiTpaQ4>. Acesso em: 26/05/2020.

ao horizonte da denúncia, passando a constituir parte crucial de um trabalho de memória, no qual a ficção tem um lugar central. A investigação realizada nesse contexto sobre o cinema de René Vautier demonstrou ainda a importância de expandir o enquadramento de estudo das memórias de violações, para considerar também as memórias da experiência colonial. Por essa razão, além de ter implicado um adiamento do eixo temático sobre o genocídio ruandês para outro contexto, o estudo do cinema de Vautier ressaltou a relevância de enfatizar, neste e no próximo projeto de pesquisa, o problema das heranças do colonialismo e da colonização, em seus múltiplos contextos.

Se a interrogação do colonialismo é fundamental para pensar as relações entre imagem e direitos humanos, um dos problemas centrais que emerge dessa interrogação é o da experiência histórica da escravidão. As memórias da escravidão são parte crucial de diversas formas de reivindicação anticolonial de autonomia e libertação que ocorrem entre as décadas de 1950 e 1970, no continente africano, e como escreve Achille Mbembe, (2018, p. 27): “Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão”. Nesse sentido, a incursão analítica pelo cinema de René Vautier contribuiu para evidenciar, mais uma vez, a necessidade de ampliar e aprofundar o estudo do eixo temático da escravidão, o que conduziu à proposição de um projeto de PIBIC em 2019 (ver item 5.3, abaixo). Ao mesmo tempo, o recurso de Vautier ao arquivo de entrevistas com ex-soldados que ele mesmo produziu para elaborar o roteiro ficcional de *Avoir 20 ans...* confirma a recorrência do problema do arquivo.

## **5.2. Colóquio de Fotografia da Bahia (EBA-UFBA) e Núcleo de Estudos da Crítica (PRONEC-UFBA): ensaios para um atlas de cosmopoéticas**

### **5.2.1. Apresentação e artigo “Ver junto”**

Apresentei uma primeira versão de um dos artigos produzidos no âmbito do projeto no I Colóquio de Fotografia da Bahia, realizado no Instituto Goethe nos dias 20 e 21 de setembro de 2017. Concebido e organizado, principalmente, por docentes ligados à Escola de Belas Artes da UFBA, o evento reuniu pesquisadores e pesquisadoras de várias partes do Brasil, permitindo o estabelecimento de diálogos que se revelaram frutíferos. A apresentação do trabalho “Ver junto: fotografia, cinema e as imagens que faltam do genocídio indígena em andamento no Brasil” ocorreu no dia 20 de setembro de 2017, em mesa mediada por Susana Dobal (UnB), ao lado de apresentações de Tiago Aguiar (classificado entre os finalistas do Prêmio Pierre

Verger) e Karla Brunet (IHAC-UFBA). O texto de base da apresentação foi, finalmente, publicado nos Anais do evento, em maio de 2018 (RIBEIRO, 2017c).

### **5.2.2. Apresentação e artigo “Cosmopoéticas do espectador selvagem”**

De modo similar, o Núcleo de Estudos da Crítica (PRONEC), sediado no Instituto de Letras da UFBA, foi o contexto de uma conferência relacionada ao projeto e derivada do trabalho apresentado no I Colóquio de Fotografia da Bahia. Convidado pela professora Ana Ligia Leite e Aguiar (IL-UFBA), apresentei no dia 5 de outubro de 2018 a palestra “Ver junto: fotografia, cinema e as imagens que faltam do genocídio indígena em andamento no Brasil”. A manutenção do título da apresentação realizada no evento do ano anterior não significa, contudo, que houve uma mera repetição. Com base na retomada de uma aproximação analítica anterior, realizada na I InterMídia Conference, em novembro de 2016 (mencionada no projeto *Imagem e direitos humanos*, p. 5-6, nota 6), tanto a apresentação oral quanto o texto anterior foram revisados antes da palestra, e também depois, com base no diálogo que a sucedeu, para assumir gradualmente a forma final que veio a ser publicada como artigo no periódico *Significação – Revista de Cultura Audiovisual* (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), com o título “Cosmopoéticas do espectador selvagem”, no dossiê “Cinema brasileiro contemporâneo: política, estética e invenção (I)” (RIBEIRO, 2020).

### **5.2.3. Ensaio bibliográfico “Cosmopolíticas e cosmopoéticas do contato”**

Uma das atividades que contribuiu de forma mais decisiva para a elaboração do artigo foi a leitura do livro *Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-)*, de Clarisse Alvarenga (2017). As duas resenhas previstas no projeto se converteram em um texto mais longo, que pode ser considerado um ensaio bibliográfico focado nesse livro. O artigo “Cosmopolíticas e cosmopoéticas do contato”, publicado na revista *Doc On-line* (Qualis 2016, Com. e Inf.: B1), no dossiê “O filme-ensaio” (RIBEIRO, 2018d) acrescentou, à recensão dos argumentos da obra, o suplemento de algumas propostas de diálogo, baseadas nos conceitos de *cosmopolíticas* e *cosmopoéticas*, tal como vêm sendo elaborados desde pesquisas anteriores e continuam sendo discutidos.

#### 5.2.4. Atlas de cosmopoéticas e montagem anarquívica

Entre o diálogo com o livro de Alvarenga (RIBEIRO, 2018d) e a publicação do artigo “Cosmopoética do espectador selvagem” (RIBEIRO, 2020), o que se aprofundou deve ser inscrito no programa proposto de elaboração de um *atlas de cosmopoéticas* – que iniciei em minha tese de doutorado (RIBEIRO, 2016a) e que venho desdobrando em diferentes contextos (RIBEIRO, 2016b; 2017a), em diálogo com o pensamento de Aby Warburg (2010), tal como tem sido revisitado por Georges Didi-Huberman (2013; 2018), entre outros. As cosmopoéticas do espectador selvagem que se desdobram nos filmes *Serras da desordem* (Andrea Tonacci, 2006), *Corumbiara* (Vincent Carelli, 2009) e *Taego Áwa* (Henrique Borela e Marcela Borela, 2015) emergem em processos de contato intercultural que perturbam a imposição de um ordenamento cosmopolítico fechado, por meio da transformação da partilha da experiência espectral com espectadores indígenas em uma relação com a figura do *espectador selvagem*:

A figura retórica do espectador selvagem desencadeia a montagem anarquívica como fundamento de um discurso cinematográfico heteróclito, que *Serras da desordem*, *Corumbiara* e *Taego Áwa* elaboram para deslocar as perspectivas de reconstituição da história, no passado, e de reconstrução da existência, no porvir, endereçando-se à imprevisibilidade abismal do futuro. Esse discurso não pertence, ao menos não necessariamente, aos espectadores indígenas efetivos que encontramos nos filmes e que, em algum lugar, podem ter encontrado ou virão a encontrar as imagens, mas à figura difusa do espectador selvagem, uma ficção do contato, que as assombra com seu olhar perturbador, capaz de olhar com outros olhos, com sua escuta inconcebível, capaz de decifrar as línguas, reconhecer as vozes e os cantos, lastrear os ruídos. O espectador selvagem é uma ficção do contato, e a relação inquieta que instaura entre as imagens e com as imagens, nos filmes discutidos, é uma relação inventiva aberta. (RIBEIRO, 2020, p. 127)

A partir disso, o que se evidenciou foi um nexos geral entre a perturbação ocasionada pela montagem anarquívica e a inventividade associada às cosmopoéticas. É em parte a uma interrogação desse nexos que me interessa dedicar o novo projeto, dedicado a um aprofundamento da interrogação do problema do arquivo e a uma tentativa de definição do que proponho denominar *paradigma anarquívico*<sup>8</sup>, por meio de uma arqueologia do sensível. Se digo que se trata de desdobrar *uma (an)arqueologia do paradigma anarquívico*, é porque toda arqueologia implica um distanciamento ativo, uma deriva em relação à origem ou *arkhê* do fenômeno, que não cessa de assombrar os itinerários da deriva, sem comandá-los. Como escreve Giorgio Agamben (2019, p. 128), a arqueologia é “aquela prática que, em toda investigação histórica, tem a ver não com a origem, mas com o ponto de insurgência do fenômeno”, “a um só tempo,

---

<sup>8</sup> Ver item 6, abaixo.

objetivo e subjetivo, situando-se, aliás, num limiar de indecidibilidade entre o objeto e o sujeito”. Para interrogar o ponto de insurgência da montagem anarquívica, é necessário passar da análise fílmica de suas modalidades para a *(an)arqueologia do paradigma anarquívico*.

### 5.3. PIBIC 2018 e PIBIC 2019: pesquisa, extensão e práticas de abertura

No início do desenvolvimento das atividades de pesquisa do projeto *Imagem e direitos humanos*, apesar de não estarem previstas de modo detalhado quaisquer tentativas de compartilhamento da pesquisa, o projeto deferido pela Congregação da Facom-UFBA foi disponibilizado publicamente, em 18 de agosto de 2017 (RIBEIRO, 2017b). O intuito da publicação era dar início a uma série de tentativas que configurariam, posteriormente, um processo de adoção gradual de rotinas de compartilhamento de dados, processos e resultados de pesquisa. Esse processo foi influenciado pelo contato com a Iniciativa de Budapeste pelo Acesso Aberto (BOAI – Budapest Open Access Initiative), de 2002<sup>9</sup>, e com atualizações e discussões de seus princípios que ocorreram nas últimas duas décadas, de modo articulado com debates sobre *acesso aberto*, *ciência aberta*, *conhecimento aberto*, *processos de revisão aberta*, entre outros temas correlatos.

A aproximação em relação ao que, dez anos depois, a BOAI designou como “a abertura como caminho a seguir” se tornou ainda mais crucial com a obtenção de apoio por meio de editais de fomento a bolsas estudantis, nos anos de 2018 e 2019. Nesse contexto, a adoção de práticas de abertura se deu de forma gradual, tornando consciente um trabalho de reflexão e de busca de formas de compartilhamento das pesquisas desenvolvidas. Este trabalho duplo não encontrou ainda seu desfecho, seja porque se desenrola de forma gradual no âmbito do projeto, seja porque permanece em construção e constante transformação, a um tempo epistemológica e técnica, no âmbito das discussões sobre o que significa a abertura proposta.

Em 2018, dois planos de atividades relativos ao eixo temático das projeções de dignidade, previsto no projeto *Imagem e direitos humanos*, foram contemplados com bolsas. O projeto foi apresentado ao Edital PROPCI-UFBA 01/2018 – PIBIC e, sob o número 14542, teve os dois planos de trabalho propostos aprovados. No PIBIC 2018, o projeto se concentrou no estudo da obra do cineasta chinês Jia Zhangke, que tem abordado de diversas formas questões de direitos humanos no contexto da China globalizada. De agosto de 2018 a julho de 2019, foram desenvolvidos os seguintes planos de trabalho:

---

<sup>9</sup> Disponível em tradução para o português em: <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/translations/portuguese-translation>. Acesso em: 26/05/2020.

- “Estudo analítico das imagens da dignidade no cinema de Jia Zhangke: cinema e direitos humanos na China globalizada” (nº 29408) – Bolsa da FAPESB  
Estudante Mateus de Jesus Viana, do Bacharelado Interdisciplinar em Artes (IHAC-UFBA), área de concentração em Cinema e Audiovisual (Facom-UFBA)
- “Elaboração de filmografia e de bibliografia comentadas sobre o cinema de Jia Zhangke” (nº 29410) – Bolsa do CNPq  
Estudante George Diniz Teixeira, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura (Facom-UFBA)

Com o intuito de contribuir para o estudo do cinema de Jia Zhangke no Brasil, considerando o problema das relações entre cinema e direitos humanos, bem como a temática da dignidade, as atividades relacionadas aos dois planos de trabalho se desdobraram, por um lado, como parte das discussões teóricas e analíticas relativas às relações entre imagem e direitos humanos e se articularam, por outro lado, com a adoção gradual de práticas de abertura da pesquisa. No que concerne às discussões teóricas e analíticas, argumentou-se que, entre a urgência da denúncia e a emergência da memória, o cinema de Jia Zhangke registra e reconstitui, abriga e projeta, em suas imagens, a dignidade das pessoas que representa, das quais se aproxima e nas quais está interessado, oferecendo, ao mesmo tempo, imagens de violações que marcam a experiência histórica da China na era da globalização e imagens da dignidade das pessoas comuns que compõem a paisagem humana desse processo em andamento. No que concerne às práticas de abertura, por sua vez, foram divulgados os dados de pesquisa, sob a forma de recursos didáticos para um curso de extensão, reunidos em um quadro sintético<sup>10</sup>.

Nesse sentido, a experiência de orientação dos dois planos de trabalho do PIBIC 2018 é indissociável da proposição de um desdobramento extensionista das atividades de pesquisa. A integração entre pesquisa e extensão ocorreu com o curso livre “O cinema de Jia Zhanke”, oferecido pelo grupo Arqueologia do sensível e ministrado conjuntamente por mim e pelos estudantes Mateus Viana e George Teixeira. O curso ocorreu de 20 a 24 de maio de 2019, no Auditório da Facom-UFBA, e registrado no Sistema de Registro e Acompanhamento de Atividades de Extensão (SIATEX), sob o número 13313. Conforme relatório 6957 registrado no SIATEX, aprovado pela Congregação da Facom-UFBA e finalizado pela Pró-Reitoria de Extensão, o curso foi concluído por 16 (dezesseis) participantes, que frequentaram no mínimo 75% da carga horária de 15 horas-aula (isto é, 4 dos 5 dias, com 3 horas-aula cada um). Do total

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://trello.com/b/yPUzjEuA>. Acesso em: 22/05/2020.

de participantes, 9 (nove) eram oriundos da comunidade externa, evidenciando o amplo interesse nesse tipo de integração entre pesquisa e extensão.

Além disso, o curso foi um dos momentos em que a adoção de práticas de abertura conduziu a um resultado mais palpável, com a divulgação pública do quadro sintético utilizado nas aulas<sup>11</sup>, no qual são apresentadas informações sobre a história do cinema chinês, a trajetória pessoal e a trajetória cinematográfica de Jia Zhangke. Nesse quadro sintético estão disponíveis, sob a forma de um recurso didático que pode ser livremente acessado e reaproveitado, uma apresentação organizada de dados da pesquisa bibliográfica e filmográfica realizada.

A adoção de práticas de abertura se consolida, assim, como parte essencial do projeto *Imagem e direitos humanos*, definindo desde os procedimentos relativos às atividades do grupo de pesquisa Arqueologia do sensível<sup>12</sup> até as propostas apresentadas aos editais do PIBIC-UFBA. No projeto “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: abordagens africanas e afrodiáspóricas” (nº 17160), apresentado ao Edital PROPCI-UFBA 01/2019 – PIBIC, o compartilhamento aberto de dados, processos e resultados de pesquisa aparece como um horizonte explícito das atividades desde o seu início. A organização de bibliografias e filmografias relativas aos planos de trabalho apresentados e a exploração de formatos audiovisuais, como vídeo-ensaios, são metas que temos buscado alcançar, nas atividades dos planos de trabalho desenvolvidos desde agosto de 2019, com previsão de finalização em julho de 2020:

- “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudo analítico no contexto do cinema brasileiro contemporâneo” (nº 33682) – Bolsa da FAPESB  
Estudante Marina Lordelo Carneiro, do Bacharelado Interdisciplinar em Artes (IHAC-UFBA), área de concentração em Cinema e Audiovisual (Facom-UFBA)
- “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudo analítico no contexto dos cinemas africanos modernos” (nº 33684) – Bolsa do CNPq  
Estudante Roberta Catherine Mutte de Castro, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura (Facom-UFBA)
- “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudo analítico no contexto do cinema brasileiro moderno” (nº 33679) – Voluntário  
Estudante Jeferson Alan dos Santos Ferreira, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura (Facom-UFBA)

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://trello.com/b/yPUzjEuA>. Acesso em: 22/05/2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/arqueologia-do-sensivel>. Acesso em: 22/05/2020.



O projeto e os planos de trabalho desenvolvidos no PIBIC 2019 se situam em um espaço de transição entre o projeto *Imagem e direitos humanos*, no qual estão relacionados ao eixo temático da escravidão transatlântica como crime contra a humanidade, e o novo projeto que se inicia em 2020, relacionado à *(an)arqueologia do paradigma anarquívico*. Por isso, apresento este relatório do primeiro, mesmo sem a conclusão das atividades dos planos de trabalho do PIBIC 2019, indicando o início do segundo, cuja elaboração está associada, parcialmente, a esses mesmos planos de trabalho. Mesmo sem a conclusão das atividades, já foram apresentados resultados como o vídeo-ensaio de Marina Lordelo Carneiro, intitulado “O cinema fantástico como reparação”, que faz parte da programação do Congresso Virtual UFBA 2020<sup>13</sup>.

Entre pesquisa e extensão, as práticas de abertura se tornam cruciais tanto para o projeto *Imagem e direitos humanos* quanto para novos projetos vindouros, nos quais a adoção de rotinas de compartilhamento de dados, processos e resultados de pesquisa deve se tornar ainda mais central. Para dar continuidade a esse movimento em direção à “abertura como caminho a seguir”, este relatório de pesquisa também permanecerá disponível publicamente, no mesmo *site* em que o projeto foi divulgado inicialmente.

- Projeto *Imagem e direitos humanos*:  
<https://www.incinerrante.com/projetos/imagem-e-direitos-humanos>
- Relatório de pesquisa *Imagem e direitos humanos*:  
<https://www.incinerrante.com/projetos/imagem-e-direitos-humanos/relatorio>

#### **5.4. Disciplina Cinema e História: o ensino como experiência de partilha da pesquisa**

Além do curso livre “O cinema de Jia Zhangke”, que constitui um desdobramento da pesquisa em forma de atividade de extensão associada à docência, uma das atividades relacionadas ao projeto *Imagem e direitos humanos* que se tornou fundamental para todo o processo foi a oferta consecutiva, nos semestres 2018.2, 2019.1 e 2019.2, de uma disciplina optativa de graduação, Cinema e História (COM324), na Facom-UFBA<sup>14</sup>. Nos três semestres em que foi ofertada, essa disciplina tornou possível realizar um movimento duplo, introduzindo e acolhendo variações importantes entre um semestre e outro. Assim, a cada semestre, as aulas constituíam uma ocasião para reconstituir e debater com estudantes o itinerário investigativo que conduziu da pesquisa de doutorado (RIBEIRO, 2016a) ao projeto *Imagem e direitos humanos*,

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bKZw6tdZbRc&list=PLSIGD7-rHf2UmRgQjety60OjY-yEGDurf9&index=380&t=0s>. Acesso em: 22/05/2020.

<sup>14</sup> Informações e programas disponíveis em: <https://www.incinerrante.com/cursos/cinema-e-historia>.

convertendo o ensino em experiência de partilha da pesquisa como processo aberto.

Nessa dimensão do movimento duplo em que consistia a cada vez a disciplina, revisei a pesquisa que antecede e fundamenta esse projeto, em meio ao processo de revisão do texto que veio a ser publicado em forma de livro, com o título: *Do inimaginável* (RIBEIRO, 2019a). Depois de ter sido selecionado em edital específico da Coleção Expressão Acadêmica, da Editora UFG, em 2017, o livro foi revisado e publicado, finalmente, em dezembro de 2019. A obra consiste em um ensaio que aborda os usos dos arquivos (audio)visuais dos campos nazistas na história do cinema e explora os sentidos da relação entre as imagens e o projeto cosmopolítico dos direitos humanos. Discutindo filmes de Samuel Fuller, Emil Weiss, Orson Welles, Claude Lanzmann, Alain Resnais, Mikhail Romm e Jean-Luc Godard, o livro interroga as seguintes formas de relação com o material de arquivo relativo aos campos nazistas: o rearquivamento ficcional, a denegação imaginativa e a remontagem anarquívica<sup>15</sup>.

Ao mesmo tempo em que revisitava a pesquisa anterior e revisava o texto do livro, que se converteu em uma das publicações que realizei no período de desenvolvimento do projeto, a cada semestre de oferta da disciplina Cinema e História era possível introduzir e acolher variações, relacionadas à abordagem de outros temas e questões de direitos humanos. Dessa forma, no semestre 2018.2, aprofundi ainda mais o estudo de obras relacionadas à memória e à imaginação do que ocorreu nos campos nazistas, com destaque para, além das obras já discutidas na pesquisa, o filme *O filho de Saul* (László Nemes, 2015). Em 2019.1, o foco se deslocou para filmes que abordam diferentes genocídios indígenas no contexto brasileiro, contribuindo para a elaboração de um dos artigos resultantes do projeto (ver item 5.2.1, acima). Em 2019.2, finalmente, o foco se deslocou para obras associadas ao campo do chamado “cinema negro”, considerando o modo como essa designação tem sido reivindicada no cinema brasileiro contemporâneo e propondo aproximações analíticas, em parte das aulas, em relação a filmes que abordam a herança histórica da escravidão e o racismo estrutural contemporâneo, assim como formas de resistência, sobrevivência e reinvenção (com foco no eixo temático do projeto que visa ao estudo das memórias da escravidão transatlântica como crime contra a humanidade).

## **6. Considerações finais: perspectivas e desdobramentos**

O desenvolvimento dos estudos propostos no projeto *Imagem e direitos humanos* conduziu basicamente ao aprofundamento de dois dos eixos analíticos-conceituais introduzidos na

---

<sup>15</sup> Mais informações: <https://www.incinerrante.com/livros/do-inimaginavel>.

pesquisa anterior, agora publicada em livro (RIBEIRO, 2019a): de um lado, a partir do conceito de *montagem anarquívica*; de outro, a partir do programa do *atlas de cosmopoéticas*. Ambos foram objeto de uma expansão de seu campo empírico de aplicabilidade, testando sua pertinência e interrogando, ao mesmo tempo, o modo como alteram os sentidos do empírico. Em relação a ambos, observa-se o interesse de multiplicar as investigações e experimentações em relação a conceitos e programas de pesquisa.

Com a proposição do projeto “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: abordagens africanas e afrodiaspóricas” ao Edital PROPCI-UFBA 01/2020 – PIBIC, para dar continuidade e atualizar o projeto inicialmente proposto, com o mesmo título, em 2019, a ligação entre o projeto *Imagem e direitos humanos* e o novo projeto sobre o *paradigma anarquívico* se desdobra em um movimento gradual de transição metodológica: a ênfase analítica cede lugar a um esforço comparativo intensificado. Se já havia um interesse em questões de intermedialidade e abordagens comparativas, agora esse interesse constitui um deslocamento em direção à interrogação do *paradigma anarquívico*. Dessa forma, pode-se dizer que o eixo temático da escravidão transatlântica assumiu uma função de transição entre os dois projetos maiores. Depois de ser pensada fundamentalmente em relação ao projeto cosmopolítico dos direitos humanos, como um tema lacunar que mobiliza discursos de reparação, a escravidão se torna pensável, no novo projeto, em relação ao problema da abertura anarquívica que atravessa o trabalho de memória em torno dela.

Isso pode ser evidenciado, em parte, com uma breve explanação sobre os planos de trabalho propostos para o PIBIC 2020. No plano de trabalho “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudo analítico no contexto dos cinemas africanos contemporâneos”, trata-se de interrogar o modo como o paradigma anarquívico se manifesta nos cinemas africanos contemporâneos, desde filmes como *Sankofa* (Haile Gerima, 1994) ou *Asientos* (François Woukoache, 1995), como um recurso crucial para retomar o passado, mas também para reimaginá-lo em conexão com o presente e, ao mesmo tempo, reinventá-lo como parte de algum possível futuro. Com os planos “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudos comparativos em arte e cultura visual” e “Memórias da escravidão e resistência no cinema e em outros meios: estudo comparativo em torno de imagens dos navios negreiros”, por sua vez, a comparação se converte em procedimento básico e o *corpus* se abre decididamente para a multiplicidade de mídias do arquivo histórico.

No quadro do interesse na montagem anarquívica, nesse sentido, com base na retomada de um texto anterior sobre curtas-metragens dirigidos por Leo Pyrata (RIBEIRO, 2015), foi escrito o artigo “O macaco com a câmera na mão: montagem anarquívica e devir-animal em

Leo Pyrata”, publicado na Esferas – Revista Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação (RIBEIRO, 2019b). Embora não se situe diretamente no âmbito do projeto *Imagem e direitos humanos*, esse artigo dialoga com o conceito de *montagem anarquívica* e constitui, assim, um desdobramento concomitante às atividades, que aponta, ao mesmo tempo, para depois das atividades do projeto. Considerando esse desdobramento e sua relação com o lugar central do conceito para a compreensão das relações entre imagem e direitos humanos, pode-se reconhecer que a amplitude do problema insinuado pela *montagem anarquívica* como forma de relação com o arquivo da história ultrapassa o campo específico dos direitos humanos, exigindo estudos suplementares sobre usos e abusos dos arquivos na história do cinema, da arte e da imagem.

Em outras palavras, assim como aponta para o problema da *abertura anarquívica* como condição de possibilidade de toda relação com o arquivo (RIBEIRO, 2019a), a *montagem anarquívica* exige o reconhecimento de um *paradigma anarquívico* em diferentes campos de pensamento e experimentação estético-cultural, um paradigma comparável ao que Carlo Ginzburg denominou “paradigma indiciário”. Tanto as análises realizadas em *Do inimaginável* sobre a remontagem anarquívica do arquivo dos campos nazistas (RIBEIRO, 2019a, cap. 5, p. 135-177) quanto aquelas que aparecem nos artigos posteriores que exploram o conceito de *montagem anarquívica* (RIBEIRO, 2019b; 2020) evidenciam a multiplicidade de modos que assume problema do arquivo, na história do cinema e da imagem, assim como a disseminação do “mal de arquivo” (DERRIDA, 2001) que insiste em perturbar o ordenamento de todo arquivo e apontar para uma condição que o antecede, que denominei abertura anarquívica (RIBEIRO, 2019a). O *paradigma anarquívico* deve ser reconhecido como uma reivindicação ativa da abertura anarquívica como condição de possibilidade de toda relação com o arquivo, buscando explorar essa condição por meio da remontagem. É preciso compreender as diferentes modalidades de remontagem e os demais procedimentos que marcam o *paradigma anarquívico*, para que seja possível compreender tanto as modalidades que aparecem em relação aos direitos humanos (que o projeto *Imagem e direitos humanos* começou a estudar) quanto aquelas que decorrem de outros horizontes.

É um movimento similar de abertura de horizontes que se observa, igualmente, em relação ao *atlas de cosmopoéticas*, que deve ser entendido como programa aberto que potencialmente atravessa diferentes projetos de pesquisa, reenviando a uma trajetória anterior (RIBEIRO, 2012; 2016b) e insinuando desdobramentos por vir. Os estudos realizados no projeto *Imagem e direitos humanos* (RIBEIRO, 2018d; 2020) situam a questão designada pelo conceito de *cosmopoética* em contextos de violações da dignidade humana. Isso significa enquadrar os processos de criação e invenção (*poiesis*) do mundo como mundo comum (*cosmos*) com base

em pressupostos historicamente humanistas e potencialmente antropocêntricos. É preciso interrogar tais pressupostos, na medida em que reduzem toda cosmopolítica à esfera das *cosmopolíticas da humanidade*, associadas ao projeto cosmopolítico dos direitos humanos, ignorando assim o que se poderia denominar *cosmopolíticas da mundanidade*, que têm se tornado reconhecíveis, mais recentemente, em discursos sobre a natureza, o meio ambiente, a biosfera e o Antropoceno, entre outras variáveis.

Configura-se dessa forma um duplo movimento de desdobramento do projeto *Imagem e direitos humanos* em direção ao que constitui um novo projeto de pesquisa. Por um lado, há uma passagem da análise fílmica das modalidades de montagem anarquívica para uma (an)arqueologia do paradigma anarquívico. Por outro, uma passagem do enquadramento humanista do atlas de cosmopoéticas (as cosmopolíticas da humanidade) para um enquadramento efetivamente cósmico (as cosmopolíticas da mundanidade). O que está em jogo nesse movimento duplo é a interrogação do nexos entre o que venho chamando de *cosmopoéticas* e o que o filósofo chinês Yuk Hui (2016, p. 19-20) denomina *cosmotécnicas*, entendidas como formas de “unificação da ordem cósmica e da ordem moral por meio de atividades técnicas (embora o termo *ordem cósmica* seja ele mesmo tautológico, uma vez que a palavra grega *kósmos* significa ordem)”. É preciso enfatizar que Yuk Hui (2019, p. 223) propõe “o conceito de cosmotécnica como uma tentativa de abrir a questão da tecnologia: nós não temos apenas uma tecnologia (como figura) e uma cosmologia (como fundo), mas antes múltiplas cosmotécnicas que contêm diferentes dinâmicas entre a moral e o cosmos”<sup>16</sup>. Será preciso situar o programa do atlas de cosmopoéticas, para o qual o projeto *Imagem e direitos humanos* contribuiu, em relação à abertura da questão da tecnologia associada ao conceito. Para fazer isso, o nexos entre cosmotécnicas e cosmopoéticas deve ser compreendido em relação ao problema do arquivo. É a esse horizonte de desdobramento, ao mesmo tempo histórico e filosófico, analítico e teórico, que este relatório aponta, como um dos caminhos a seguir.

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e a ciência sem nome. In: AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Trad. António Guerreiro. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum: sobre o método*. Trad. Andrea Santurbano e Petricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2019.

---

<sup>16</sup> No original: “the concept of cosmotechne as an attempt to open up the question of technology: We don’t have only one technology (as figure) and one cosmology (as ground), but rather multiple cosmotechne containing different dynamics between the moral and the cosmos.”

- ALVARENGA, Clarisse. *Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-)*. Salvador: Edufba, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira Willi Bolle; colaboração na organização da edição brasileira Olgária Chain Féres Matos; tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica Patricia de Freitas Camargo; posfácios Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BOAI – Budapest Open Access Initiative, 2002. Disponível em: <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read>. Acesso em: 26/05/2020.
- COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Tradução de Diego Cervelin. 1a. ed. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Percepto, afecto e conceito. In: \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2010, p. 193-235.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Trad. André Telles. São Paulo: Ed. 34, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas, ou O gaio saber inquieto*. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- ELSAESSER, Thomas. *Cinema como arqueologia das mídias*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab (comitê de redação). Carta da Transdisciplinaridade. *I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade*, Convento de Arrábida, Portugal, 2 a 6 de novembro de 1994.
- HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. *Small Axe*, v. 12, n. 2, 2008 (p. 1-14). Disponível em: <https://doi.org/10.1215/-12-2-1>. Acesso em: 26/05/2020.
- HUI, Yuk. *The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics*. Falmouth, UK: Urbanomic, 2016.
- HUI, Yuk. *Recursivity and Contingency*. London, New York: Rowman & Littlefield International, 2019.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 13, p. 39–54, out. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26/05/2020.
- KITTLER, Friedrich. *Mídias ópticas*. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org.: Ed. 34, 2005.

- RIBEIRO, Marcelo R. S. A cosmopoética da fragilidade: Abderrahmane Sissako, a sensibilidade cosmopolita e a imaginação do comum. In: BAMBÁ, Mahomed; MELEIRO, Alessandra (orgs.). *Filmes da África e da diáspora: objetos de discursos*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 157–187.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. O macaco com a câmera na mão: esboço sobre os curtas de Leo Pырата. *Catálogo do II Fronteira – Festival Internacional do Filme Etnográfico e Experimental*. Goiânia: Fronteira, 2015, p. 120–126. Disponível em: [http://www.frenteirafestival.com/doc/Catalogo\\_II\\_FronteiraFestival.pdf](http://www.frenteirafestival.com/doc/Catalogo_II_FronteiraFestival.pdf). Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. *Do inimaginável: cinema, direitos humanos, cosmopoéticas*. Tese de doutorado. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás, 2016a.
- RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. Cosmopoéticas da descolonização e do comum: inversão do olhar, retorno às origens e formas de relação com a terra nos cinemas africanos. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, Rebeca 10*, v. 5, n. 2, p. 1–26, jul-dez. 2016b. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/376/226>. Acesso em 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Para um atlas de cosmopoéticas: literatura mundial, cinema mundial e o catálogo Lumière como atlas. *Anais do XXVI Encontro Anual da Compós*, São Paulo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, p. 1–20, 2017a. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2017/trabalhos\\_arquivo\\_9ODP2IZVS6LMFUMNSRUJ\\_26\\_5245\\_21\\_02\\_2017\\_10\\_07\\_47.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_9ODP2IZVS6LMFUMNSRUJ_26_5245_21_02_2017_10_07_47.pdf). Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. *Imagem e direitos humanos: consciência da humanidade, memórias de violações e projeções de dignidade no cinema e no audiovisual*. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia (Projeto de pesquisa), 2017b. Disponível em: <https://www.incinerrante.com/textos/imagem-e-direitos-humanos-2017-2019>. Acesso em 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Ver junto: fotografia, cinema e as imagens que faltam do genocídio indígena em andamento no Brasil. *Anais do Colóquio de Fotografia da Bahia*, org. Alejandra Muñoz e José Mamede, v. 1, n. 1, p. 53–71, set. 2017c. Disponível em: <http://www.coloquiodefotografia.ufba.br/wp-content/uploads/2018/07/coloquio-catalogo-maio-2018.pdf>. Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. *Avoir 20 ans dans les Aurès: o cinema político de René Vautier e o lugar da ficção*. *Catálogo do 7º Cinecipo – Festival do Filme Insurgente*. Belo Horizonte: Cinecipo, 2018a. Disponível em: [https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo\\_16x22\\_cc\\_final\\_web-2-pag.pdf](https://cinecipo.files.wordpress.com/2019/05/catalogo_16x22_cc_final_web-2-pag.pdf). Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Arquivo e montagem anarquívica em A Imagem que Falta. *Anais de textos completos do XXI Encontro da SOCINE*. Organização editorial Cezar Migliorin et al. São Paulo: SOCINE, 2018b, p. 486–491. Disponível em: [https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2017\(XXI\).pdf](https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2017(XXI).pdf). Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Retomar o passado: a escravidão em filmes africanos. *Anais de textos completos do XXII Encontro da SOCINE*. Organização editorial Angela F. Prysthon et al. São Paulo: SOCINE, 2018c, p. 692–697. Disponível em: [https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2018\(XXII\).pdf](https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2018(XXII).pdf). Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Cosmopolíticas e cosmopoéticas do contato. *Doc On-line*, n. 24, p. 207–222, set. 2018d. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/501>. Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. *Do inimaginável*. Goiânia: Editora UFG, 2019a.

- RIBEIRO, Marcelo R. S. O macaco com a câmera na mão: montagem anarquívica e devir-animal em Leo Pyrata. *Esferas*, v. 9, n. 16, p. 46–59, set.-dez., 2019b. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11065>. Acesso em: 26/05/2020.
- RIBEIRO, Marcelo R. S. Cosmopoéticas do espectador selvagem. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v. 47, n. 53, p. 110–129, jan.-jun., 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2020.160501>. Acesso em: 26/05/2020.
- VAUTIER, René. *Caméra citoyenne : mémoires*. Rennes : Éditions Apogée, 1998.
- WARBURG, Aby. Mnemosyne. In: BARTHOLOMEU, Cezar (org.). Dossiê Warburg. *Arte & Ensaios*, n. 19. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Artes Visuais / Escola de Belas Artes, UFRJ, dez. 2009, p.125-131.
- WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Edição espanhola de Fernando Checa, a partir de edição alemã de Martin Warnke, com a colaboração de Claudia Brink. Tradução para o espanhol de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Ediciones Akal, 2010.
- ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. Trad. Carlos D. Szlak. São Paulo (SP): Annablume, 2006.